

QUARTA A SEGUNDA-FEIRA, 24 A 29 DE DEZEMBRO DE 2025

Zé Mário, o craque inesquecível



Pais de Zé Mário, sentados, ao lado da família

Ele passou como um meteoro pelo futebol - e também pela vida. Em pouco mais de dois anos, Zé Mário deixou de ser um simples garoto que corria pelos gramados da cidade para se transformar no maior ponta-direita da história de Ribeirão Preto. Se não fosse a morte prematura - com apenas 21 anos -, não é exagero afirmar que o atacante seria presença certa nas Copas do Mundo de 1982 e 86, assim como foi seu colega de time, Sócrates.

Em 2002, com mais de 62% dos votos, Zé Mário foi o atacante mais votado na Seleção ComeFogo de Todos os Tempos, 'eleição' realizada pelo Tribuna com mais de 200 pessoas, entre jornalistas, dirigentes e torcedores. Assim como os demais integrantes do 'Time dos Sonhos', ele ganhou uma página contando sua vida.

José Mário Donizeti Barone nasceu em Ribeirão Preto em uma data festiva, 1º de maio de 1957, Dia do Trabalho. Terceiro filho de Geraldo Barone e Alice Franceschini Barone, Zé Mário, garantia a mãe, sempre foi apaixonado pelo futebol. "O pessoal vinha aqui em casa atrás dele e eu dizia que ele não estava. Quando eu virava as costas, ele saía escondido e ia jogar futebol", lembrou ela, que naquela época (2002) ainda mantinha intacto o quarto do filho, como se o atacante fosse chegar de um treino ou viagem dali poucos minutos.

Destaque nas peladas disputadas nos campinhos do Santa Cruz do José Jacques, bairro onde sempre viveu, Zé Mário foi levado por diretores sertanezinhos para defender o São Paulo daquela cidade no campeonato Dente de Leite. Ao seu lado jogava o meio-campista Vander, ex-Comercial e Botafogo.

Em 1972, graças a João Fernandes, seu treinador nos juvenis do Comercial, fez testes no Fluminense junto com o amigo Vander. Mesmo aprovado, Zé Mário voltou para Ribeirão. "O Zé Mário e o Vander foram fazer testes no Fluminense, do Rio de Janeiro. O Zé foi aprovado, mas como o Vander não foi, ele resolveu abandonar tudo e voltou para Ribeirão", revelou 'seu' Geraldo.

De volta à Ribeirão, Zé Mário ficou pouco tempo no Comercial. Como a diretoria do Alvinegro se negou a dar-lhe uma ajuda de custo de 300 cruzeiros por mês (valor irrisório para a época), o craque preferiu parar com a bola.

Desiludido com o futebol, foi ajudar o pai trabalhando com o caminhão da família. Mesmo sem possuir carteira de habilitação (e nem idade suficiente para tal), Zé Mário orgulhava-se de nunca ter sido parado pela Polícia Rodoviária. "Ele tinha uns 14, 15 anos e já dirigia o caminhão comigo. Ele ficava na direção até passar por algum Posto Policial, quando então eu assumia o volante", orgulhou-se o pai, recordando os dotes automobilísticos do filho.

Mesmo desgostoso com o futebol, Zé não conseguia se ver longe da bola. Nos finais de semana, ia de vez em quando até Sertãozinho disputar peladas com os colegas. E foi graças a esses jogos que o craque chegou ao Pantera.

"Um dia me disseram que ti-

nha um moleque bom jogando em Sertãozinho, quando cheguei lá vi que era o Zé Mário", revelou Milton Bueno, o Tiri, responsável por trazer o atleta para o Botafogo.

Atuando como meia-direita nos juvenis do Botafogo, Zé Mário foi deslocado para a ponta-direita por Tiri, então treinador do time, em um amistoso contra o Patrocínio E.C., da cidade mineira homônima.

Lançado no Torneio José Ermírio de Moraes de 1976, Zé Mário conquistou a confiança de todos com seu futebol de dribles curtos e atrevidos, a ponto de garantir a vaga de titular no time para o Campeonato Paulista daquele ano. Na mesma temporada, o Botafogo disputou pela primeira vez o Campeonato Brasileiro. Empolgado com a participação, o Tricolor não economizou nas contratações, trazendo reforços para quase todas as posições. Menos para a ponta-direita. "O lugar já é dele", garantiu, em entrevista à época, Milton Bueno.

Garoto humilde, Zé sofreu com o medo e as gozações dos colegas

em suas primeiras viagens de avião para defender o Botafogo no Brasil. Por causa do volante Mário, que lhe disse que a comida servida no avião era "caríssima", o atacante ficou sem comer durante todo seu primeiro voo.

Com vinte anos de idade, Zé Mário ajudou o Botafogo a conquistar a Taça Cidade de São Paulo em 1977. Suas boas atuações no torneio lhe valeram uma convocação do treinador Cláudio Coutinho para a seleção brasileira, onde chegou a disputar dois amistosos, um deles contra a Inglaterra.

Durante os exames médicos da seleção descobriram algo de errado com a saúde do jovem atleta, comunicando imediatamente ao departamento médico do Botafogo. Depois de algum tempo, a triste notícia: Zé Mário apresentava sintomas de leucemia. Mas, talvez não aceitando a triste realidade, os médicos trataram do garoto por algum tempo como se ele sofresse, segundo Wilson Roveri, "de debilidade geral por causa de uma hepatite mal curada".

Fragilizado pela doença, o atacante foi internado na Beneficência Portuguesa, vindo a falecer semanas depois, no dia 7 de junho de 1978, enquanto o Botafogo perdia para o Flamengo no estádio Maracanã.

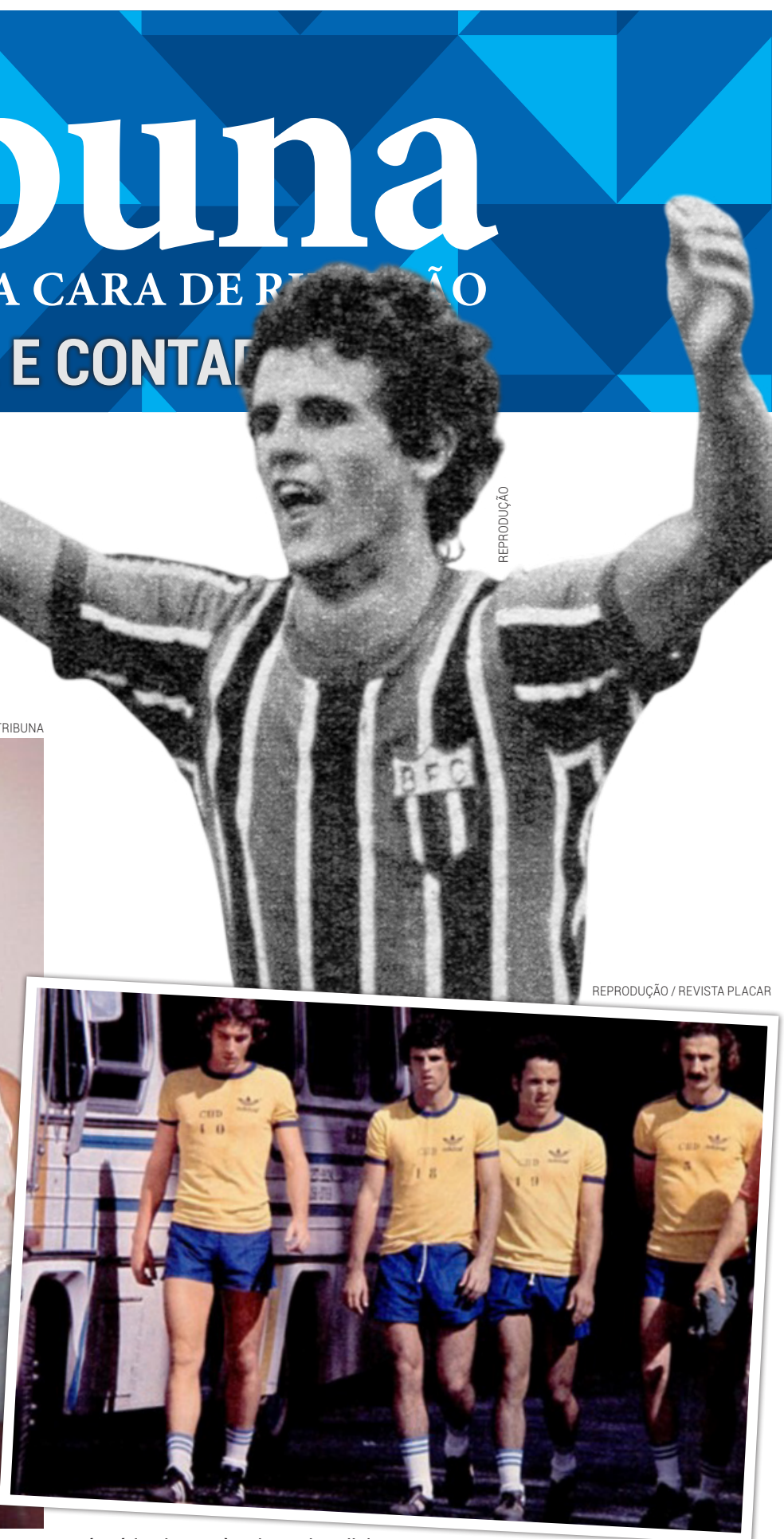
Até hoje um dos maiores ídolos da torcida botafoguense, Zé Mário deixou três irmãos - Antônio Luís, Maria Aparecida e Ana Helena - e seis sobrinhos - Édson Luís e Daniela (filhos de Antônio), Vanessa e Evandro (filhos de Maria), Jerusa Helena e José Mário (filhos de Ana Helena).

Na época da entrevista, Evandro Barone buscava seguir os passos do tio. Com 18 anos, o lateral-direito treinava desde os oito anos de idade, ingressando em 2002 no Comercial. Não seguiu, porém, carreira. Deixou o futebol pouco depois, sem chegar ao profissionalismo.

Nota: Geraldo e Alice, pais de Zé Mário, faleceram há poucos anos. Milton Bueno, o Tiri, supervisor e treinador responsável por lançar o atacante no Botafogo, faleceu em 2009, aos 73 anos.



Kadu Barone (dir) começou no Botafogo, assim como o primo



REPRODUÇÃO

REPRODUÇÃO / REVISTA PLACAR

Zé Mário chegou à seleção brasileira

Primo jogou na dupla ComeFogo

O atacante Kadu Barone, atualmente com 31 anos, é o único familiar de Zé Mário a seguir carreira no futebol. Seu avô, Jovino, é irmão de Geraldo Barone, pai do craque tricolor.

Também revelado pelo Botafogo, Kadu já defendeu 23 clubes. É considerado 'rei do acesso'. Em 2021, conquistou a Série C com o Ituano. No ano seguinte, subiu com o Pantera. Já em 2023, com o Ferroviário do Ceará, foi campeão brasileiro da Série D.

"Comecei no Botafogo com sete anos. Nunca coloquei na cabeça o fato de ser primo do Zé Mário. Ele foi único, igual não tem ninguém", compara Kadu Barone, que se prepara para defender a Internacional de Bebedouro no próximo campeonato paulista da Série A4 e é o guardião de uma das camisas deixadas por Zé Mário para a família. "Ganhei a branca, com o número sete, e guardo com muito orgulho".



Minha primeira vez no Tribuna

Diego Ribas, campeão brasileiro aos 17 anos

Era começo de junho de 2002, o Comercial disputava um jogo treino contra o Jaboticabal Atlético, se preparando para o Campeonato Brasileiro da Série C, quando o celular do repórter tocou. “O Diego, que foi campeão com a seleção brasileira em Toulon, está na cidade, cortando o cabelo. Vai lá!”, ordenou o diretor de jornalismo Eduardo Batista.

Ainda que naquele momento seu nome não fosse tão conhecido, a ocasião valia deixar o jogo-treino para não perder o ‘furo’ – que viria a ser a primeira aparição do meia Diego Ribas como profissional em Ribeirão Preto.

Revelado pelo Comercial, que deixou com apenas 11 anos de idade para se transferir para o Santos, Diego havia acabado de conquistar com a seleção brasileira o Torneio Sub-21 de Toulon, tendo sido considerado a mais jovem revelação do campeonato.

Pelo Santos, então com apenas 17 anos, já fazia parte do elenco de profissionais, tendo disputado 15 partidas e marcado cinco gols. De Pelé, ouviu que estava no caminho certo. “Mas ainda é só o começo, é preciso sempre manter a humildade”, contou Diego, ao lado da irmã Djenane.

O jogador afirmou que tinha propostas do exterior, mas considerava que não era o melhor momento para deixar o país. “Pretendo disputar esse Campeonato Brasileiro pelo Santos. Depois acho que é a hora certa para sair do país”.



Diego Ribas em amistoso entre Santos e Comercial

E fez muito bem! Naquele mesmo ano, Diego Ribas conquistaria o título brasileiro pelo Santos. Ao lado de jovens como Robinho, liderou o Peixe ao título e tornou-se o campeão nacional mais novo da história, sendo também o vice-artilheiro da equipe com 10 gols e eleito para a seleção do campeonato.

Antes da conquista, em Palma Travassos, fez um dos gols santistas na goleada sobre o Comercial, por 5 x 0, em amistoso em 2002. Aliás, sobre o Leão do Norte, o meia não escondeu as boas lembranças. “Foi onde tudo começou e isso tem um valor muito grande na minha carreira”, completou.

O jornal Tribuna já previa que algo grande aconteceria para esse menino, no nosso olhar a inocência e alegria do que era apenas o começo. Que prazer lembrar esse dia especial, obrigado!”, Diego Ribas



Diego e João Luiz, amizade de longa data

João Luiz atende Diego desde os oito anos

O cabelereiro João Luiz tem um dos principais salões de Ribeirão Preto. Por suas mãos já passou muita gente, que mais do que uma renovada no visual ganharam um amigo e bons momentos de conversa.

Diego Ribas é um exemplo. João Luiz atende o craque desde a infância, quando ainda precisava de uma almofada para alcançar a altura na cadeira do cabelereiro. “Quando a mãe o trouxe pela primeira vez, ele tinha uns oito anos. Menino muito educado, desde pequeno, muito simples e assim cresceu. O sucesso veio, mas não o abalou”, conta João Luiz.

Por conta do assédio dos fãs, o salão teve que montar um esquema especial para atender o cliente famoso. “Teve um dia que tivemos que fechar para poder atendê-lo, por conta da tietagem. Depois disso, passei a receber o Diego aos domingos”, conta João Luiz.



Marcelo Oliveira

Importância da comunicação séria e do diálogo com a sociedade

“O Tribuna Ribeirão completa 30 anos mantendo vivo um valor essencial para qualquer sociedade: o compromisso com a verdade e com a informação responsável. Para nós, da Atentare Serviços, que atuamos diariamente oferecendo segurança, organização e apoio a empresas e condomínios, é inspirador acompanhar um veículo que também se dedica a cuidar da comunidade – mas com o olhar crítico, ético e atento que só o jornalismo profissional é capaz de oferecer. A imprensa não apenas registra fatos: ela conecta pessoas, amplia vozes e fortalece a cidadania. Celebrar os 30 anos do Tribuna é celebrar também a importância da comunicação séria e do diálogo constante com a sociedade. Que venham muitos anos de histórias contadas com credibilidade e compromisso.”

Diretor da Atentare Serviços, empresa sediada em Ribeirão Preto e especializada em gestão de serviços de apoio, portaria, limpeza, manutenção e segurança. Empresário, ciclista e triatleta amador, leva para os negócios a mesma disciplina que aplica no esporte.

Craque posou para fotos ao lado da irmã

Após a entrevista, concedida no salão do cabelereiro João Luiz, Diego e irmã Djenane posaram para foto. Na época, a máquina Sony Mavica (que gravava imagens em disquetes), precursora da fotografia digital, chamou a atenção dos irmãos, porque mostrava no visor, instantaneamente, a foto capturada – uma grande inovação para a época.

“Pelos nossos rostos na imagem dá para ver como tudo era muito novo para nós. A gente não imaginava tudo que viria pela frente depois dessas imagens. Muito legal lembrar”, recorda Djenane.



Diego Ribas e Djenane, em 2002 e hoje



MARCIO JAVARONI / JORNAL TRIBUNA E DIVULGAÇÃO



MARCIO JAVARONI / JORNAL TRIBUNA

Gustavo Borges botafoguense

Gustavo Borges é considerado um dos principais nomes da natação brasileira. É o atleta com o segundo maior número total de medalhas em Jogos Pan-Americanos, com 18, e o terceiro com mais ouros, oito. Participou de quatro Olimpíadas, sendo o porta-bandeira da delegação brasileira na cerimônia de encerramento dos jogos em 2004, em Atenas.

Embora tenha passado toda a infância em Ituverava, Gustavo Borges nasceu em Ribeirão Preto, em dezembro de 1972.

Em 2002, durante provas na cidade do Troféu Gustavo Borges de Natação, tradicional competição que reunia jovens promessas do esporte nacional, ele confessou sua simpatia pelo Botafogo e posou com a camisa do time.



Paulo César Garcia Lopes

Tribuna ajuda a contar a história do comércio em Ribeirão

O SINCOVAP (Sindicato do Comércio Varejista), representante oficial do setor em Ribeirão Preto e 43 cidades da região, e a CDL RP (Câmara de Dirigentes Lojistas), trabalham conjuntamente para defender, apoiar, desenvolver e tornar os empreendedores cada vez melhores e mais competitivos.

Além da negociação para a Convenção Coletiva de Trabalho (CCT), que rege o funcionamento do comércio, as duas entidades realizam projetos, ações, pesquisas e uma busca constante por soluções e ferramentas, junto ao poder público, instituições setoriais e educacionais, empresas privadas e empreendedores. E, nesse contexto, a comunicação é peça-chave!

Importante destacar que a imprensa sempre compreendeu e esteve ao lado da nossa atuação pelo Comércio Varejista, um dos pilares da economia regional, divulgando informações de interesse público.

O Tribuna Ribeirão é valoroso parceiro do Varejo e do Desenvolvimento Socioeconômico da cidade. Em 30 anos de trajetória, são centenas de reportagens que ajudaram, e ainda ajudam, a contar a história do nosso Comércio marcante em Ribeirão Preto desde que a cidade era um simples vilarejo.

Vida longa ao Tribuna Ribeirão!

Engenheiro de produção (Ufscar) e comerciante há mais de 45 anos. Presidente do SINCOVAP (Sindicato do Comércio Varejista de Ribeirão Preto e região). Presidente da CDL Ribeirão Preto (Câmara de Dirigentes Lojistas). Membro da Mesa Diretora do CCV-SP (Conselho do Comércio Varejista do Estado de São Paulo), na FecomercioSP (Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São Paulo). Conselheiro titular do Conselho de Administração do Sesc SP, representando Ribeirão Preto e região.



Os santos dos endividados

FOTOS: REPRODUÇÃO / JORNAL TRIBUNA

São Sebastião, o soldado romano e mártir cristão do século III, conhecido por sua inabalável fé e coragem, que se tornou santo, é o padroeiro de Ribeirão Preto. A primeira capela do povoado foi invocada em seu nome. E, em 1870, foi instalada a paróquia de São Sebastião do Ribeirão Preto.

Mas, quem passasse pelo Morro São Bento, poderia se confundir. E não seria com o santo fundador da Ordem Beneditina e Patrono da Europa, e sim com Santo Expedito, o padroeiro das causas urgentes – ou impossíveis.

No local, era hábito os fiéis pendurarem faixas em agradecimento aos santos e anjos por graças alcançadas. As mensagens praticamente iguais: “Obrigado pela graça alcançada...”. Os alvos também pouco mudavam. A maioria agradecia benções recebidas dos chamados ‘santos da crise’, ícones da Igreja Católica procurados para solucionar causas urgentes e impossíveis.

O campeão das homenagens era – claro! – Santo Expedito, com 16 mensagens. Na sequência vinham: São Judas Tadeu (3), Santa Rita de Cássia (2), São Bento (1), Santa Edwiges (1), Nossa Senhora Aparecida (1) e a Menina Izildinha (1).

O Varal da Fé está ao lado do Santuário das Sete Capelas, complexo religioso que atrai devotos de várias cidades da região. Os fiéis costumam orar nos templos e agradecer na cerca.

Cada uma das capelas é dedicada a um padroeiro. Idealizada pelos monges beneditinos, o santuário levou dez anos para ficar pronto. A primeira capela, de Nossa Senhora das Graças, foi



Varal da Fé com as faixas em agradecimentos às graças alcançadas

construída em 1948. A de São João Tadeu abriu as portas aos fiéis em 1951. Os templos de Nossa Senhora Aparecida e Santa Terezinha ficaram prontos em 1954. A construção do espaço reservado a São Jorge terminou em 1955. Posteriormente, as capelas de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro e da Penitência (Escadaria) completaram a obra.

Cada uma das capelas mantém sua individualidade em relação ao estilo arquitetônico, mas formam um grupo. Dispostas em semicírculo, são voltadas para o centro. As capelas foram edificadas em uma escavação de pedreira.



Sete Capelas, no Morro São Bento, recebem fiéis de toda região

Santo Expedito foi militar romano

Santo Expedito foi um militar romano que viveu no século III e teve sua vida transformada pela fé cristã. Seu dia é 19 de abril, quando a Igreja celebra a vida e o martírio de um dos santos mais venerados e invocados em momentos de urgência e aflição.

Nascido na Armênia, Santo Expedito foi senador em Roma e comandante da XII Legião Romana, conhecida como Fulminata, responsável por proteger as fronteiras orientais do Império Romano contra os bárbaros asiáticos. Levava uma vida de perdição, até que um dia, tocado pela graça de Deus, se deparou com uma grande luz que mudou sua vida.

Mesmo assim, o momento de sua conversão exigiu grande esforço e entrega de Santo Expedito quando um espírito do mal, em forma de corvo, surgiu lhe ordenando “cras....! cras....! cras....!”, palavra latina que quer dizer: “Amanhã...! amanhã...! amanhã...!” isto é – “Dei-

xe para amanhã! Não tenha pressa!”. Santo Expedito, não hesitou e pisoteou o corvo, esmagando-o enquanto gritava: “HODIE!” Ou seja, “Hoje! Nada de protelações”.

Ao acordar no dia seguinte, Santo Expedito tomou todas as providências para o seu batizado. A partir daí a coragem em defender sua fé influenciou na conversão de todos os soldados de seu batalhão, situação não agradou o Imperador Diocleciano que mandou prendê-lo e o intimou a renunciar o cristianismo. Diante de sua recusa, foi condenado à flagelação sendo, por fim, decapitado, em 19 de abril de 303, em Metilene, na Armênia.

A devoção a Santo Expedito cresceu após seu martírio em 303 e perdura até os dias de hoje em todo o mundo. No Brasil, Santo Expedito é especialmente invocado nos momentos de dificuldade e necessidade imediata, sendo considerado o “santo das causas urgentes”.



DIVULGAÇÃO/INTERNET

Capital dos botecos

DIVULGAÇÃO/INTERNET



Em 2000, os botecos eram a opção de lazer preferida dos ribeirão-pretanos

Em 2000, um levantamento do Tribuna em parceria com a Brasmart/BMKT reafirmou o que muita gente já sabia: o ribeirão-pretano adora um boteco!

A pesquisa ouviu 453 pessoas, em diversos bairros, de 14 a 59 anos, que responderam sobre as opções de lazer na cidade.

Para quase 65% dos entrevistados, Ribeirão Preto oferecia opções variadas de lazer noturno. E entre essas opções, na hora de escolher o destino, a preferência era dos bares (34,44%), seguido por boates (17,22%), cinemas (6,62%), restaurantes (6,40%) e shoppings (5,30%).

Os shoppings centers, aliás, ganharam uma enquete paralela. Até então, havia três na

cidade: o RibeirãoShopping, mais antigo, criado em 1981; e os recentes Santa Úrsula, de 1998, e o Novo Shopping, inaugurado em 1999.

Quando questionados qual deles oferecia a maior variedade de opções, de vestuário e eletrônicos a diversão e alimentação, o RibeirãoShopping era o preferido da grande maioria.

A nota curiosa da pesquisa é que, 25 anos depois, entre os três hipermercados preferidos dos ribeirão-pretanos dois já não podem mais ser frequentados. O mais votado foi o Carrefour, com 62,03% dos votos. Na sequência vieram o Wal Mart, que fechou suas operações no Brasil em 2018, e a rede regional Gimenes, vendida em 2009 ao grupo Ricoy.

Causos do Tribuna

O roubo do jornal

Uma mensagem, no mínimo, inusitada chegou à redação do Tribuna no final dos anos 1990. Nada de e-mail ou WhatsApp, na época ainda reinava o velho e bom telefone.

“Alô. É do Tribuna? Eu gostaria que o entregador do jornal, aqui na região do Jardim Paulista, testemunhasse na Justiça a meu favor”, esbravejou um assinante.

Na sequência, mais calmo, ele explicou que o vizinho repetidamente e invariavelmente lhe roubava o jornal na portaria do prédio. Sem convencer o meliante com seus apelos, não lhe restava outra solução, a não ser processar o larápio...

Infelizmente, o jornal não registrou os capítulos seguintes da história. Assim, mais de 25 anos depois, ainda resta a dúvida: teria o vizinho deixado de surrupiar o jornal? O assinante se cansou e presentou o amigo da onça com uma assinatura?

Cartas, telefonemas, e-mails ou mensagens de zap para este jornal, aguardamos a resposta....

O telefone, por favor...

A cada edição, o Tribuna publicava cartas dos leitores. Em geral, eram comentários sobre matérias de números anteriores.

Uma delas, porém, fugiu à regra e é um retrato daqueles tempos em que o Google ainda não respondia grande parte de nossas dúvidas...

Um leitor de Curitiba (!), que por ironia acessava o jornal pelo site, pedia o contato de uma empresa de piscicultura retratada semanas antes. Gentilmente, o Tribuna prestou o serviço o respondeu na seção de cartas com o número em questão.

Que elegância!

As arquibancadas de um estádio de futebol não são, digamos, o lugar mais apropriado para comentários ou discursos usando a mais culta das normas gramaticais. Até mesmo pelo calor e a emoção do jogo, o tom coloquial é quem manda entre os torcedores – ainda que alguns acabem ultrapassando os limites por vezes.

Ao escrever para o jornal, entretanto, os integrantes do ‘Núcleo Fundamentalista Tricolor’, gastaram o vocabulário para registrar o orgulho pelo time, ainda que após mais uma campanha ruim, e ainda provocar o arquirrival Comercial:

“Mesmo sem os méritos futebolísticos necessários e com um coeficiente de desqualificação acima da média, o faustoso Botafogo de Ribeirão Preto haverá de estar sempre na lista exponencial das agremiações brasileiras, ainda que para desgosto e indignação de seus coirmãos, aqueles desprovidos do lastro congênito da glória”.



“Entre aspas”

O que disseram ao Tribuna Ribeirão

“Hoje privilegia-se a estatística em detrimento da qualidade. Médico não é máquina e não pode ganhar por produção, como numa fábrica de parafusos”.



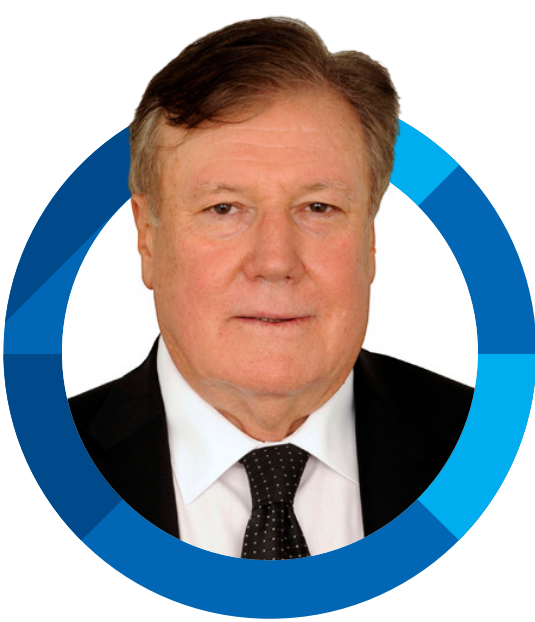
Luiz Carlos Raya, médico pediatra e secretário da Saúde em três governos (1983/88, 1994/96 e 2001/2004).

“Arena e MDB eram frutos do autoritarismo. Tiveram a mesma origem, serviam para mascarar a ditadura e dizer que o Brasil vivia numa democracia”.



José Carlos Sobral, juiz de Direito e vereador em Ribeirão Preto.

“Nenhum empreiteiro me telefonou nem chegou aqui me pressionando. Veio a classe política, vieram os governadores, os prefeitos, ministros...”.



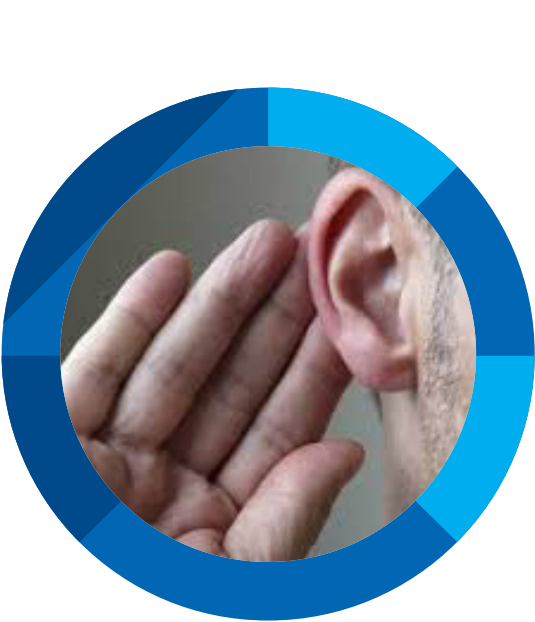
Amir Lando, senador e relator do orçamento, em 2000, sobre os lobbies e pressões com pedidos de recursos no Orçamento da União em 2001.

“Pelo amor dos céus, ministro, nem pense em proibir o fumo”.



Millôr Fernandes, escritor, em apelo público ao ministro da Saúde, José Serra.

“Reza mais baixo, Deus não é surdo”.



Moradores do Ipiranga, vizinhos à uma igreja, que fizeram um abaixo-assinado pedindo contra a permanência do templo.

“Chamaram mesmo a polícia, mas não adiantou nada. O soldado era crente”.



Valquíria Gonçalves Rios, responsável pela igreja.

“É por isso que o futebol brasileiro está na situação que está, porque aqui só se dá ouvidos a um cara que com a camisa da seleção só fez perder”.



Romário, atacante e hoje senador, se referindo a Zico, então coordenador da seleção e responsável por cortá-lo da seleção olímpica.

“No Natal minhas filhas fogem de mim, porque sabem que eu vou querer dançar ‘Qui sei tu’, cantado pelo Luís Miguel. Mas é só uma vez por ano”.



Luís Fernando Veríssimo, escritor, confessando seus pequenos prazeres.